

### 3

## A literatura russa em seu sistema de origem

Conforme nos ensina o professor e tradutor Paulo Bezerra,

[T]oda tradução é a tradução possível, o ato de traduzir, particularmente ficção, encerra uma boa dose de saudável ilusão, na medida em que acreditamos, honestamente, traduzir o que está no texto. Portanto, não podemos enfrentar um texto literário com a pretensão de que “dois e dois são quatro”, pois estamos diante de discurso literário com toda a sua carga polissêmica, o que nos obriga constantemente a interpretar o sentido ou sentidos de uma palavra ou expressão no contexto específico desse discurso e procurar o modo mais adequado de transmiti-los. Para tanto, é indispensável, é essencial que o tradutor conheça, e bem, o universo cultural em que se produz esse discurso e os seus referentes vários, somando-se a isso outra questão essencialíssima: a honestidade profissional, o comprometimento ético com a palavra do outro. Isso nos obriga a ir às últimas consequências, ao fundo do poço à procura do sentido mais próximo de determinada palavra ou expressão nas circunstâncias concretas de sua enunciação. (2007, p.8)

Complementando o pensamento de Bezerra, o professor e estudioso da literatura russa Joseph Frank nos diz que

[s]e o conhecimento da história cultural é indispensável para o estudo de qualquer literatura, isso é ainda mais verdadeiro no caso da literatura russa do que no de outra grande literatura européia do mesmo período. (1990, p.57)

Para o mundo, a literatura russa talvez seja a maior glória da cultura daquela nação. Mas, o que o mundo conhece, acima de tudo, é o romance clássico russo, cujos melhores anos foram relativamente breves – apenas um quarto de século, durante o reinado do imperador Alexandre II (1855-1881). Durante esse período, foram publicadas as melhores obras de Tolstói e Dostoiévski, além de outras de Turguêniev e Goncharóv. Poucos estrangeiros, e nem todos os russos, têm conhecimento de quão enraizada se encontra na consciência cultural russa a chamada *literaturnost*<sup>9</sup>, passados mil anos desde a Conversão (ao cristianismo), e de que a chamada literatura russa antiga forma parte de uma distinta tradição, cujos efeitos estão longe de se exaurirem (Millner-Gulland, 2002, p. 12).

---

<sup>9</sup> Em inglês, denominada *literariness*, e que se pode traduzir por “literariedade”.

Assim, seguindo as sugestões dos estudiosos para uma melhor compreensão do que seja a literatura russa, procuro traçar, neste capítulo, as suas origens, que coincidem, se confundem e se misturam com a história da Rússia desde a sua fundação.

### 3.1

#### Origens da Rússia: sua história e sua cultura

*Assim como na pintura espanhola a paisagem é quase ausente, porque os artistas se interessam quase só pela expressão humana, assim a literatura russa trata do homem, de sua alma, de sua sociedade, de sua religião, mas não da natureza que o rodeia.[...]O russo é um radical, desprezando o meio-termo, e situando-se entre a opressão e a revolução total.*

Otto Maria Carpeaux

#### 3.1.1

##### Um pouco de história

Nos primeiros séculos da era cristã, as terras ao longo dos rios Dnieper, Dvina, Lovat-Volkhov e Volga, na Europa Oriental, eram habitadas principalmente por tribos eslavas e finlandesas que praticavam a agricultura, plantando cereais em campos limpos ou obtidos através de queimadas e posterior limpeza do terreno. Para complementar sua sobrevivência, essas tribos pescavam, caçavam e coletavam frutas, mel e outros produtos naturais das florestas ao redor das comunidades onde viviam. Embora cada tribo tivesse seus próprios líderes e deuses, havia constante interação entre elas, através de trocas de produtos ou de lutas. Os mais aventureiros chegaram até o entreposto bizantino de Kherson, na península da Crimeia, para trocar seus produtos por moedas de prata e objetos de luxo (Martin, 1997, p.2).

Evidências arqueológicas e relatos de viajantes sugerem que no século 9 aventureiros escandinavos conhecidos como *varegues* chegaram às terras eslavas

atraídos pela prata dos centros de comércio do Volga e pelas oportunidades de saque dos mesmos. No decorrer desse século, os varegues estabeleceram laços mais permanentes com as populações locais e, em troca de tributos, protegeram-nas dos ataques de piratas escandinavos. A relação foi benéfica para ambos. Com o passar do tempo, os varegues passaram a ser chamados de *rus* e seus líderes tornaram-se príncipes, com os eslavos tornando-se seus súditos (*ibidem*, p.2-3). Com Riurikid, que morreu em 879 ou 882, começou a unificação das várias tribos eslavas e o início da dinastia que levou o seu nome. Por volta do ano 980, o príncipe Vladimir conquistou o trono de Kiev e estabeleceu aí a sede de seu principado. A partir daí, os rus passaram a ser chamados de Rus de Kiev. A dinastia Riurikid iria governar a Rússia até 1598.

Havia muito tempo que a cristandade, o judaísmo e o islamismo eram conhecidos dos rus de Kiev. Olga, a princesa que se casou com Igor, o filho de Riurikid, converteu-se ao cristianismo. Em 988, o príncipe Vladimir<sup>10</sup> dispensou suas numerosas esposas e consortes para se casar com Ana, a filha do imperador bizantino Basílio, e se converteu, junto com toda a população de Kiev, à forma grega do cristianismo (Martin, 1997, p.4-5).

Em 864, quando o bispo Cirilo (827-869) e seu irmão Metódio (825-885) deixaram a Macedônia, sua terra natal, seguindo ordens do imperador bizantino Miguel III (842-867), para empreenderem a conversão ao cristianismo das populações eslavas estabelecidas entre a Dalmácia e a Polônia, não poderiam imaginar que sua ação daria início ao aparecimento da língua russa. Originários da região de Salônica, tinham por língua materna o eslavônico ou eslavo antigo (ou búlgaro antigo), o mais antigo dos dialetos eslavos conhecidos, mas que ainda não tinha forma escrita na época dos dois evangelizadores. Ao partirem em sua missão, Cirilo e Metódio decidiram traduzir alguns textos sagrados, como o Novo Testamento, do grego para o eslavônico, e para efetuarem a tradução tiveram de criar um sistema que permitisse anotar os sons da língua falada. Nasceu assim o alfabeto glagolítico (de *glagol*, que significa “palavra” em eslavônico), baseado em letras gregas minúsculas e estilizadas, acrescidas de alguns signos orientais.

---

<sup>10</sup> Uma interessante descrição da conversão de Olga e Vladimir ao cristianismo pode ser lida no site do Vaticano, na Carta Apostólica *EUNTES IN MUNDUM* do Sumo Pontífice JOÃO PAULO II por ocasião do Milênio do batismo da Rus de Kiev, disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_letters/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_25011988\\_euntes-in-mundum-universum\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_25011988_euntes-in-mundum-universum_po.html)

Esse alfabeto transformou-se mais tarde no alfabeto cirílico que, por sua vez, foi retirado das letras maiúsculas gregas, e que serviu de base para a língua russa. Contudo, se as primeiras traduções para o eslavônico surgiram no século 9, as primeiras traduções para o idioma que é conhecido como russo antigo só apareceram cerca de dois séculos mais tarde (Van Hoof, 1990, p.341).

Entre os anos de 1237 e 1240, os mongóis estenderam seu império, fundado por Gengis Khan, sobre as terras dos rus de Kiev. Após a captura e saque do entreposto fortificado de Moscou, os mongóis prosseguiram em sua marcha de destruição e saques até as atuais Polônia e Hungria, quando, repentinamente, retornaram para a Mongólia em 1242 para escolherem um novo *khan*, ou governante. Apesar da devastação causada, que abalou a vitalidade econômica e cultural dos rus de Kiev, a invasão mongol não alterou suas normas e tradições: o metropolita<sup>11</sup> de Kiev e de todos os rus ainda era o líder da comunidade ortodoxa, e a dinastia Riurikid permaneceu como a casa governante. Embora enfraquecida, coube a ela restaurar a ordem e tentar evitar mais destruição. Para tanto, teve que se submeter ao domínio mongol e pagar-lhe tributos. A Igreja Ortodoxa, por sua vez, também reconheceu a supremacia terrena dos mongóis.

Com o tempo, o principado de Moscou foi gradativamente estabelecendo seu domínio sobre Kiev, tirando proveito do enfraquecimento dos mongóis e de outros estados mais ao oeste. Basílio II, considerado pela Igreja Ortodoxa como descendente direto de Riurikid, recebeu o apoio decisivo da Igreja, que perseguia suas próprias prioridades eclesiais, mas apoiava e estimulava suas atitudes. Ele recebeu o título de protetor da fé ortodoxa por rejeitar a união com a Igreja Romana em 1439 e apoiar a decisão dos prelados russos de elegerem seu metropolita sem a confirmação de Constantinopla, em 1448 (Martin, 1997).

Após a vitória sobre os tártaros, o centro de poder passou a ser Moscou. Construído sobre fundações territoriais, políticas, econômicas e militares que desalojaram do poder os tradicionais governantes rus de Kiev e os tártaros, o

---

<sup>11</sup> Segundo a Wikipedia, *Metropolita* é o título de alguns líderes das [Igrejas orientais](#), que podem ser [católicas](#) ou [ortodoxas](#), sendo equivalente ao de arcebispo na Igreja Católica Romana. Chama-se [Igreja Ortodoxa](#) o grupo de [Igrejas orientais](#) que aceitam somente os primeiros sete Concílios Ecumênicos. Muitas Igrejas Ortodoxas adotam o título de *Católica* como parte de seus nomes. Esse uso não indica alinhamento com a [Igreja Católica Apostólica Romana](#) sediada no Vaticano, sendo uma referência ao sentido original da palavra, que significa “universal”.

principado de Muscovy estendia-se de Novgorod, ao norte, até Kiev, ao sul. No começo do século 15, o governante passou a adotar o título de *Tsar*, o equivalente em russo a César. Cientes de suas tradições bizantinas e fortalecidos pela crença de que Moscou seria a chamada “Terceira Roma”, os agora já chamados de “russos” partiram em busca de uma política de expansão territorial em todas as direções. Após um período de conquistas obtidas ao sul, sobre os turcos e os tártaros; ao leste, sobre os poloneses e lituanos, e a expansão rumo à Sibéria, seguiu-se a rivalidade com a então principal potência militar do norte da Europa, a Suécia, que temia o expansionismo russo em direção ao Báltico, culminando na chamada Grande Guerra do Norte (1700-1721) e no surgimento de importantes mudanças na Rússia que deram origem à chamada “Era Petrina”<sup>12</sup>.

Segundo Cornwell (2002), se por um lado o estado russo sempre olhou com admiração para o Ocidente, ao mesmo tempo o povo russo cultivava uma obediência cega ao “sagrado e infalível poder do *tsar*”. As tradições e lendas folclóricas de épocas distantes, como a dos cavaleiros cínrios que bebiam o sangue de guerreiros abatidos, desempenharam papel relevante na cultura russa. Com a conversão do principado de Kiev ao cristianismo grego em 988 por religiosos bizantinos, e a conseqüente alfabetização dos rus de Kiev, começaram a surgir os primeiros textos religiosos e seculares dos eslavos orientais (p.4). Da fusão do eslavo eclesiástico e da língua popular, surge no século 11 o russo antigo, do qual se originaram, no período que se estende do século 12 ao 14, o bielorusso, o ucraniano ou pequeno russo, e o russo propriamente dito, ou grande russo. Em 1564 surgiu o *Livro dos Apóstolos*, o primeiro livro impresso no idioma russo e, ainda que um primeiro tratado gramatical tenha sido publicado por Smotrinski em 1648, somente em 1755, mesmo ano da fundação da Universidade de Moscou, é que apareceu a *Gramática* de Mikhail Lomonosov (1711-1765), estabelecendo uma firme distinção entre o eslavônico e o russo (Van Hoof, 1991, p. 344).

As primeiras traduções feitas para a língua russa eram de obras eclesiásticas, notadamente livros sagrados: *Atos dos Apóstolos*, *Salmos de Davi*. Uma versão integral da Bíblia pelo arcebispo Gennadi, de Novgorod, surgiu em 1499, traduzida a partir de textos gregos e da *Vulgata*. Na Rússia não houve uma

---

<sup>12</sup> De Pedro, o Grande.

Renascença; a nação foi praticamente catapultada da era dos antigos rus medievais para a “modernidade”<sup>13</sup> da cultura pós-Petrina, ficando, pois, por muito tempo sem qualquer influência estrangeira. A produção literária esteve restrita durante esse período a sermões, hagiografias e crônicas, sujeita a restrições religiosas, onde inovações eram vistas como “potencialmente demoníacas ou idólatras” (Cornwell, 2002, p.4). Desse período, a única obra prima literária reconhecida como tal, pelos padrões europeus, é um poema épico anônimo escrito no século 12, chamado de *A Canção da Campanha de Igor (Slovo o polku Igoreve)*, que narra a batalha liderada pelo príncipe Igor Sviatoslavich contra os invasores mongóis, por volta de 1185. A história não tem um final exatamente feliz. Igor é derrotado e aprisionado pelos mongóis, mas consegue escapar depois de algum tempo, retornando para liderar uma nova e decisiva batalha contra os invasores. Redescoberta somente no século 18, traduzida e publicada por Pushkin, a única cópia conhecida foi destruída no incêndio de Moscou durante a invasão de Napoleão. Sua importância reside em refletir a tradicional “alma russa”: esperança de um futuro melhor, persistência, comedimento, orgulho e determinação, características que serão marcantes na literatura que veio a seguir.

Em 1682, Pedro, o Grande, foi proclamado imperador, mas só assumiu o trono em setembro de 1689, após destronar a regente, sua meia-irmã Sofia. Vitorioso no conflito militar com a Suécia, Pedro adotou o título latino de *imperator vserossiiskii* (imperador de todas as Rússias) e iniciou a abertura da chamada “janela para o Ocidente”, dando início a uma “Revolução cultural” no país (Alexander, 1997, p. 92-95). O processo de “europeização” foi acelerado com a introdução dos frutos da Renascença, da Reforma, da Era dos Descobrimentos e da Revolução científica, e de um ambicioso processo de ocidentalização e modernização, através da implantação da tecnologia obtida na Alemanha, Holanda e Inglaterra, processo esse que foi continuado por Catarina, a Grande, já na segunda metade do século 18 (Cornwell, 2002).

---

<sup>13</sup> O autor quis demonstrar aqui uma certa ironia com o fato de a Rússia, um país atrasado em muitos aspectos, estar sendo modernizada à força para atingir os objetivos traçados por Pedro, o Grande.

### 3.1.2

#### Sobre a língua e a literatura russas

Com a nova ênfase na educação, no aprendizado através da leitura e nas publicações, começam as modificações radicais não somente na paisagem social e literária do país, mas também no que diz respeito às traduções. São Petersburgo – cidade fundada por Pedro em 1703, às margens do mar Báltico, e para onde mais tarde, em 1713, o soberano transferiu sua capital – teve sua primeira prensa tipográfica em 1712, sendo que em 1725 já havia dez delas, todas sob controle estatal. O número de títulos publicados anualmente passou de seis ou sete na última década do século 17, para cerca de 45 no primeiro quarto do século 18, com cerca de 2/3 referentes a pronunciamentos do governo, leis e tratados militares (Alexander, 1997, p.101). Com a introdução da nova tipografia civil (*grazhdanskii shrift*), foi criada uma literatura secular que abrangia textos técnicos, didáticos e de entretenimento. A simplificação do alfabeto russo, decorrente da mudança dos tipos usados na impressão, ordenada pelo soberano, também permitiu considerável melhora das impressões.

Durante a chamada Grande Guerra do Norte (1700-1721), após alguns revezes iniciais, Pedro reorganizou as forças militares para enfrentar e derrotar a Suécia, e cerca de 138.000 recrutas foram incorporados à marinha e ao exército russos. O termo *rekrut*, originário do alemão, foi incorporado ao léxico em 1705, sendo um dos mais de 3.500 termos estrangeiros adotados pela Rússia petrina, entre eles “polícia”<sup>14</sup> (Alexander, 1997, p. 95-96; 101-102).

Interessado na multiplicação de traduções tanto de obras militares quanto de obras didáticas e de entretenimento, Pedro — que possuía uma biblioteca organizada por ele mesmo e que contava com 1.663 títulos, entre manuscritos e livros em russo e línguas estrangeiras — elaborava pessoalmente as listas de livros que deveriam ser traduzidos, escolhidos em função dos imperativos práticos de sua política, elaborando instruções para a tradução e insistindo na necessidade de se obter do texto, com clareza, o seu sentido, de forma a evitar a tradução literal e, por fim, controlando a tradução executada. Pedro também estimulou a formação de tradutores e oficializou a função de tradutor. Muitos literatos

---

<sup>14</sup> Após a Revolução Comunista de 1917, a palavra caiu em desuso e “milícia” voltou a ser utilizada.

renomados começaram como funcionários tradutores nas tipografias que então se multiplicavam, concorrendo de forma primordial para o enriquecimento da língua russa e para a difusão do pensamento e das literaturas ocidentais (Van Hoof, 1991, p. 345).

No começo do século 18, a Rússia não tinha uma cultura literária comparável à da Europa Ocidental, pois não havia autores reconhecidos, nem leitores ou editores. Não havia sequer uma língua literária russa ou algo como uma tipografia moderna. A situação começou a mudar, conforme foi mencionado, quando Pedro, o Grande, assumiu o trono com a missão de modernizar e ocidentalizar seu império, de forma a torná-lo um dos mais avançados estados da Europa. Ao contrário de Catarina II, que o sucedeu anos mais tarde, Pedro não era escritor; contudo, sua agressiva política de ocidentalização “levou inevitavelmente à emergência de uma cultura literária modelada segundo a que havia na Europa e reconhecida como ‘européia’” (Jones, 2002, p.26). Para Jones,

[u]m dos efeitos da ênfase que Pedro, o Grande, deu a suas reformas seculares foi a perda do papel da Igreja Eslavônica como veículo de literatura e cultura. O próprio Pedro utilizava uma linguagem simples e direta em seus escritos, embora seu russo falado fosse incoerente e invadido por novos termos de origem estrangeira. Naquela época não havia centros culturais e salões para o cultivo de uma língua social culta que substituísse a linguagem tosca dos contatos do dia a dia. Para a geração de escritores que vieram depois dele, entretanto, com suas novas concepções de literatura e novas técnicas, o surgimento de uma nova linguagem literária era essencial. (2002, p.29)

Pedro reconquistou grandes áreas de terras que tradicionalmente eram russas, mas que haviam sofrido grande influência cultural católica e latina no que hoje conhecemos como Bielorrússia e Ucrânia, que se encontravam sob a dominação da Polônia. Embora não tenha sido o responsável direto pelo aparecimento de uma nova literatura russa, Pedro, ao obrigar a nobreza e as classes superiores a se vestirem, a se comportarem e a adotarem novos hábitos sociais à moda ocidental, terminou por alterar a face da Rússia.

Segundo Cornwell (2002, p.2), a iniciativa dos tsares russos de anexação e absorção, política e cultural, visava à assimilação forçada dos povos minoritários, como finlandeses, poloneses ou chechenos, em busca de uma uniformidade imperial. Entretanto, na metade do século 19, houve uma reviravolta, e a Rússia, sem abrir mão de suas ambições imperiais, voluntariamente embarcou em um

surpreendente processo de imperialismo cultural reverso ao adotar o francês como a língua social e de trabalho da corte e da aristocracia. A aristocracia russa tinha no uso do francês um símbolo de *status*, o que desencadeou uma febre que tornava quase obrigatório que, em suas famílias, as crianças fossem instruídas nesse idioma desde pequenas, para que adquirissem não só o hábito de falar e ler em francês, mas também de *pensar* em francês. Para Cornwell, essa “galicização” que é, de certa forma, um aspecto negligenciado na história cultural russa, alcançou seu ápice logo após a Revolução francesa e na virada do século 19, tendo diminuído sensivelmente após a invasão napoleônica. Em termos culturais, Cornwell nos conta que, após o colapso do Iluminismo russo, o uso do francês, que havia deixado marcas até na literatura, como os diálogos em russo em *Guerra e paz*, de Tolstói, ficou restrito aos círculos da corte russa e ao hábito de se empregar tutores ocidentais para os filhos da elite, até a Revolução Bolchevique.

Após o Congresso de Viena, a Rússia, vitoriosa nas guerras napoleônicas, assumiu a condição de potência europeia. Seu objetivo era manter as fronteiras e estabelecer um *status quo* na Europa através da Santa Aliança. Contudo, a expansão colonial sobre o Cáucaso, iniciada no final do século 18, não foi interrompida, e tornou-se um tema recorrente na literatura russa do século 19.

A repressão que se seguiu à revolta da aristocracia militar contra a monarquia absoluta, conhecida como a Revolta Dezembrista de 1825, aliada a uma implacável postura contrária aos movimentos reformistas europeus de 1830 e à derrota humilhante na Guerra da Crimeia, levaram à percepção por parte da Europa de que o país era uma ameaça séria, gerando toda uma literatura que apresentava uma imagem negativa sobre o Império Russo. Entretanto, para Cornwell (2002, p.3), é precisamente nesse momento (segundo quarto do século 19) que a literatura russa começa a ser reconhecida como força cultural europeia. Para Dostoiévski, o período que se seguiu às guerras napoleônicas marca o começo do novo papel cultural da Rússia, e é quando aparecem as variantes russas das grandes tendências registradas na Europa, destacando-se, na literatura, o realismo e o romantismo e, no pensamento, o ocidentalismo (ou progresso) e o eslavofilismo.

Após um período no século 17, onde a literatura exótica e de influência polonesa deu o tom, a chegada do século 18 e a “janela para o Ocidente” de Pedro, o Grande, trouxeram um rápido incremento dos modelos e influências

ocidentais, notadamente formas literárias neoclássicas importadas da França. O francês, como já visto, tornou-se a língua da corte, e a influência do Iluminismo foi sentida através da correspondência entre Catarina, a Grande, e os filósofos franceses. Foi nesse período que surgiu a primeira grande figura literária russa, Pushkin, quando a linguagem literária russa que lutava para se estabelecer começou a se aproximar da forma moderna (Cornwell, 2002, p.7).

Os estilos literários na Rússia desenvolveram-se a partir do Romantismo europeu, mas pouco a pouco as formas nativas foram substituindo as traduções e imitações – de início, de obras francesas, posteriormente abarcando também textos em inglês e alemão – que dominaram por longo tempo os hábitos de leitura da nobreza russa. Romances históricos, poemas narrativos, literatura de viagem, histórias de aventuras e de terror, tudo isso contribuiu para o estabelecimento da literatura russa, no segundo quarto do século 19, como a mais recente e vibrante literatura nacional da Europa. As formas mais expressivas dessa literatura foram os contos (*rasskaz*), a novela (*povest*) e, finalmente, a mais famosa de todas, o romance (*roman*). Na metade do século 19, o romance russo já estava consolidado através de autores como Goncharóv, Turguêniev, Dostoiévksi e Tolstói, e tipos literários como o “homem supérfluo”, “nobres arrependidos”, heroínas fortes e figuras de origem ou posição social mista (*raznochintsy*) não eram somente refletidos na ficção, mas faziam presença na formação do que posteriormente tornou-se conhecida como a *intelligentsia* russa.

Antes de passar para a próxima seção, cabe aqui uma observação sobre o termo *romance*. De acordo com o professor Massaud Moisés, em seu livro *A criação literária*, a palavra “romance”:

[d]eve ter se originado de *romans* (vocábulo provençal), que deriva por sua vez da forma latina *romanicus*; ou teria vindo de *romanice*, que entrava na composição de *romanice loqui* (“falar românico”), isto é, o Latim estropeado no contacto com os vários povos conquistados por Roma), em oposição a *latine loqui* (“falar latino”, isto é, a língua empregada na região do Lácio e arredores). Com o tempo, a expressão passou a indicar a linguagem do povo em contraste com a dos eruditos. Mais adiante, acabou rotulando as composições literárias de cunho popular, folclórico. (1968, p. 149)

Em inglês, segundo Moisés, usa-se a palavra *novel*, sendo a forma *romance* utilizada “apenas para narrativas fabulosas, como, por exemplo, o

romance de cavalaria”. Em francês, de acordo com Moisés, emprega-se o termo *roman*. A forma romance, recebida do espanhol, encontra correspondência no italiano *romanza*. Em alemão, usa-se *Roman*. E em espanhol, ainda segundo Moisés, “a palavra *novela* corresponde ao nosso ‘romance’ e esta ficou reservada para as narrativas curtas em verso” (1968, p.150).

## 3.2

### Tolstói

*Costuma-se dizer que a realidade é aquilo que existe ou que apenas o que existe é real. Mas é justamente o contrário: a verdadeira realidade, a que realmente conhecemos, é aquilo que nunca existiu.*

Lev Tolstói

A presente seção não tem como objetivo descrever em detalhes a vida de Tolstói, mas tão somente contextualizá-la. Existem muitas biografias excelentes e com extensa documentação sobre sua vida disponíveis em várias fontes. Retirei, de várias delas, somente as informações básicas e comentários relevantes para uma melhor compreensão do escritor em sua época. Os dados biográficos foram retirados das seguintes fontes: Simmons (1968), Greenwood (1999), Briggs (2005) e [www.literaturerusse.net](http://www.literaturerusse.net).

Conforme nos conta o professor Ernest Simmons<sup>15</sup> em seu livro *Introduction to Tolstoy's writings*,

[m]uito tem sido escrito sobre semelhanças e dessemelhanças entre Dostoiévski e Tolstói. Contudo, não há dois grandes romancistas que tenham diferido tanto em suas concepções e práticas do realismo na arte de ficção. Embora ambos, do ponto de vista ideológico, manifestassem interesse nos ensinamentos de Cristo, Dostoiévski era nitidamente voltado para o espiritual enquanto Tolstói era completamente dedicado às causas terrenas. (1968, p.1)

---

<sup>15</sup> Iniciador dos estudos russos nos EUA, Simmons lecionou em Cornell, Harvard e Columbia, onde foi professor de literatura russa e chefe do departamento de línguas eslavas de 1946 a 1959.

Descendente de uma família nobre<sup>16</sup>, Lev<sup>17</sup> Tolstói nasceu em 1828 na propriedade de sua família, Iásnaia Poliana, em Toula. Muito cedo, em 1830, tornou-se órfão de mãe, e logo depois, em 1837, órfão de pai. Esses dois eventos o levaram a duvidar precocemente de Deus e da Providência divina. Contudo, sua infância foi tranquila, em contato com a natureza, com os mujiques e a gente simples dos campos.

Admitido na Universidade de Kazan aos 16 anos de idade (1844-1847), Tolstói manifestou interesse em seguir a carreira diplomática e o estudo de línguas orientais, mas não conseguiu ser aprovado. Quando herdou a propriedade da família, dedicou-se a melhorar as condições de vida dos servos que lá viviam, mas a desconfiança deles causou-lhe muitas decepções. Em seus diários, revelou sua preocupação com as questões existenciais que nunca deixaram de fazer parte de sua vida e de suas obras.

O fracasso em ganhar a confiança dos servos, e o desejo de levar uma vida mais ativa sem dúvida levaram Tolstói a se alistar no Exército, em 1851. Após dois anos passados no Cáucaso, o oficial Tolstói é enviado para a guerra contra a Turquia, onde participa da defesa de Sebastopol. Sua participação nesse episódio irá inspirá-lo a escrever *Crônicas de Sebastopol*. Em 1856, após dar baixa no exército, Tolstói retornou à sua propriedade em Iásnaia Poliana, onde, em sua fazenda-laboratório, segundo o professor e tradutor Paulo Bezerra,

[e]ntrará em contato direto com a vida dos camponeses, o que o levará a mudar radicalmente as suas concepções anteriores sobre o campesinato russo e abrirá caminho para a sua futura utopia sobre esse segmento social. (2003, p.7)

Entre 1857 e 1861, Tolstói empreendeu várias viagens pela Europa. Segundo Bezerra, durante essas viagens, Tolstói pôde, ao observar a vida burguesa no Ocidente, “penetrar mais fundo na realidade russa e entender melhor o sentido do capitalismo” (2003, p.8). A comparação entre o capitalismo avançado praticado no Ocidente e a Rússia atrasada, patriarcal e servil, permitiu-lhe igualmente “perceber as contradições e mazelas do capitalismo e não alimentar

---

<sup>16</sup> Durante o reinado de Pedro, o Grande, os títulos nobiliárquicos russos estavam muito desvalorizados pela prática da herança igualitária. Após extinguir a classe dos boiardos, Pedro introduziu dois títulos europeus – conde e barão, conferindo-os somente em raras ocasiões e por serviços meritórios (Alexander, 1997, p.97).

<sup>17</sup> Também aparece grafado em português como Leon ou Liev.

ilusões sobre ele” (*ibidem*, p.8). Para Simmons (1968), Tolstói estava consciente de que

a brutalidade, a injustiça, a tirania e a exploração cometidas no nome do “povo” ou da religião ou da ideologia não eram melhores do que a brutalidade, a injustiça, a tirania e a exploração perpetradas pelos lordes feudais ou exploradores capitalistas. (p.201)

Conforme nos relata o sociólogo João Marcelo Ehlert Maia (2005),

[i]números intelectuais russos, exilados pela fúria repressora do czarismo, tiveram a oportunidade de conhecer o cenário europeu nos anos 1830 e 1840, e foram espectadores das grandes ondas revolucionárias que varreram o continente no período. Figuras centrais nesse processo, como Herzen, retornaram profundamente marcados pelo fracasso “ocidental”, e quedaram-se desencantados com o processo de modernização da Europa Ocidental. Aferrados cada vez mais ao socialismo, esses homens mostraram-se avessos ao “caminho” clássico vivenciado pelo proletariado europeu, e rejeitavam as consequências da organização industrial capitalista. Nesse sentido, a Rússia lhes parecia oferecer possibilidades de construir uma alternativa socialista mais “humana”, que possibilitasse uma entrada no reino da liberdade e igualdade menos traumática. A *obshina*, instituição do mundo rural que organizava as relações sociais e de trabalho entre os lavradores, assumia assim uma posição ambígua. Embora estivesse vinculada ao mundo “feudal” que organizava as relações entre patrões-servos, parecia também guardar a semente de uma solidariedade campesina que muito se assemelhava às pregações socialistas originárias. O “populismo” nasce então desse certo desencanto com a estratégia revolucionária ocidental, cuja vitalidade parecia esmagada entre as instituições representativas liberais e o complexo mundo das relações de classe numa ordem industrial. (p.432-433)

Durante as suas viagens, o escritor russo também buscou informar-se sobre os métodos de educação ocidentais. A educação do povo sempre foi uma das questões centrais em suas reflexões. Ao retornar à Rússia, publicou uma revista pedagógica entre 1862 e 1863 e fundou uma escola onde ele próprio ensinava. A efervescência social causada pelo fim do regime de servidão em 1861 e também “o espírito de uma época em que o interesse geral se volta para o campesinato” (Bezerra, 2003, p.8), o animaram a investir mais na melhoria da vida dos servos em seus domínios.

Em 1862, Tolstói casou-se com Sofia Andreiévnia Behrs. Embora fiéis um ao outro (tiveram 13 filhos), o casal teve sérios desentendimentos causados pela dificuldade que Tolstói tinha em se dedicar à família, mais preocupado que estava com as questões relativas à vida do povo. Contudo, foi um período que lhe proporcionou a estabilidade necessária para escrever suas grandes obras, como

*Guerra e paz e Anna Karenina*. Mas, a partir dos anos 1870-1880, o escritor e pensador russo viu ressurgirem as suas dúvidas existenciais, adormecidas pelo tempo passado com a vida em família. Embora estivesse satisfeito com a aclamação recebida, e Sofia estivesse contente com o papel de dona de casa, Tolstói considerava imorais os rendimentos auferidos com a venda dos seus livros (Briggs, 2007, p. xviii). Alucinações e angústia causada por pensamentos sobre a morte levaram Tolstói a um tipo de introspecção e recolhimento espiritual. Segundo Bezerra,

[p]ara ele, os dogmas a que a Igreja reduziu a essência do Cristianismo contrariam as leis mais simples da lógica e da razão. Ele considera que nos primórdios do Cristianismo a doutrina ética foi a sua parte principal, mas no processo de sua evolução o centro de gravidade transferiu-se do ético para o filosófico e o metafísico. Daí a crítica à Igreja de sua época: considera que sua prática se estriba na hipocrisia, as suas doutrinas atuais estão em divergência ampla e profunda com a doutrina ética do Cristianismo em seus primórdios, seu pecado capital está na participação em uma ordem política, econômica e social fundada na violência e na opressão, na tentativa de transformar a religião em justificativa do mal social vigente. (2003, p.10-11)

Para Tolstói, o propósito da vida terrena “não é servir à nossa natureza animal inferior, mas sim à força suprema à qual nossa natureza superior reconhece estar relacionada”. “Existe uma força em cada um de nós”, assegura o pensador e escritor russo, “que nos permite discernir o que é bom, e estamos em contato com ela” (Simmons, 1968, p.96).

Próximo ao final de sua vida, levando uma existência cada vez mais simples e espiritual, renunciou a parte de seus bens. Abandonou o tabaco, o álcool, a caça, a carne e abraçou a abstinência. Passou a vestir-se como um camponês, cortava ele mesmo a lenha e confeccionava seus próprios calçados. Suas inquietações encontram-se descritas em *Uma confissão* (1878-9). Sua nova religião era: o melhor de Jesus, sem sua Igreja. Comunidades dedicadas a propagar os ensinamentos Tolstoinianos, especialmente o pacifismo, espalhavam-se pelo mundo todo. Segundo Oscar Mendes, em sua introdução a *Guerra e Paz*, Tolstói era

[de] um orgulho intelectual desmedido, chegando a crer-se um iluminado, um profeta destinado a oferecer ao mundo um novo evangelho: o tolstoísmo, mistura de evangelismo cristão, de racionalismo, de fatalismo oriental, de socialismo, de comunismo, de vegetarianismo e até mesmo de budismo. Na admiração beata

pela sua própria inteligência, repete idéias já velhas e sovadas de escritores e pensadores, como se fôssem inventadas por ele próprio ( 1968, p.7).

Atormentado por suas dissensões morais e familiares (só a filha Alexandra ficou a seu lado), deixou sua propriedade junto com sua filha durante uma tarde em 1910 rumo a um mosteiro, sem conseguir alcançar seu objetivo. Veio a morrer, dez dias mais tarde, na estação ferroviária de Astapovo, aos 82 anos (Briggs, 2007, p. xvi-xvii).

Seu prestígio pode ser explicado tanto por sua arte quanto por sua mensagem. Para Gomide (2004),

Tolstói era personalidade muito mais visível durante o período da *belle époque*. E isso literalmente, com dezenas de imagens espalhadas. Figurava com grande destaque nos periódicos. Era figura pública internacional das mais importantes. Discutido ocasionalmente em textos críticos, Dostoiévski circulava de modo discreto; nas entranhas da literatura, por assim dizer.[...] A recepção de Tolstói diferiu da de todos os outros romancistas apresentados em *O romance russo* por ter sido a única que não foi póstuma. Quando, entre 1883 e 1886, o mercado francês viu-se avassalado por livros e livros de crítica e por incontáveis volumes de traduções de autores russos, Tolstói ainda não completara sessenta anos. Era um artista e pensador no auge da atividade, estendida ainda por duas décadas e meia. (p.197; 202)

Conforme as informações biográficas disponíveis no portal [www.litteraturerusse.net](http://www.litteraturerusse.net), Tolstói retrata os destinos humanos com um realismo sensível, bem diferente de Dostoiévski, que representa seus personagens como sombrios e enigmáticos. Os homens são descritos como normais, equilibrados e “legíveis”, protagonistas de questões que jamais deixaram de obcecá-lo. De tendenciosos, seus escritos transformam-se em moralizadores, e inscrevem-se no realismo utilitário da literatura russa da época. É a partir dessa postura de moralizador e apóstolo que Tolstói entra para a posteridade. Sua pena, raramente censurada, foi considerada como a voz da consciência nacional do final do século 19. Seu sucesso provém, em grande parte, de sua ferrenha oposição à Igreja ortodoxa e ao poder do Estado, rejeitando o misticismo, a violência e todo seu aparato, preferindo a simplicidade da vida rural e o amor fraternal. Sob esse aspecto, Tolstói pode ser considerado como um dos pensadores mais influentes e importantes do movimento revolucionário, devido à sua crítica radical ao Estado e à sua preocupação com as massas oprimidas. A importância de suas realizações no campo pedagógico e a busca de coerência no plano pessoal o tornam um

pensador próximo ao anarquismo, mas um anarquismo cristão, onde a resistência à autoridade provém do interior das pessoas e nunca resvala para a cólera ou a violência. Tolstói, que pregava uma mudança advinda de um reavivamento moral, não de uma revolução, foi o apóstolo de uma religião diferente, uma religião do bem, não violenta, que pregava a não resistência ao mal, onde somente as boas ações são capazes de dar senso à vida (littératurerusse.net, s.d).

Leitor voraz de literatura estrangeira e russa, Tolstói, segundo Simmons (1968), absorveu as obras de romancistas ingleses como Sterne, Thackeray e Dickens, a quem considerava o maior de sua época, bem como as de realistas franceses, em particular Stendhal. Sua natureza artística, entretanto, era tão grande e original que qualquer coisa que possa ter tomado emprestado de outras literaturas foi assimilada e transformada em algo próprio, ampliando e enriquecendo a tradição realista a qual herdara. Ao contrário de Dostoiévski, afirma Simmons, Tolstói aceita o mundo como ele é e, ao descrevê-lo, sob o ponto de vista de sua imaginação, termina por lhe dar um novo significado. O homem, para Tolstói, precisa de esperança tanto quanto de conhecimento, pois a realidade torna-se uma escola de perversão a qual deve ser morta ou negada, posto que leva a nada, a não ser à feiura e ao crime (Simmons, 1968, p.2).

Conforme nos conta o estudioso norte-americano, Tolstói, enquanto escrevia *Guerra e paz*, preocupava-se com os possíveis ataques dos críticos radicais por estar evitando expor as mazelas das classes privilegiadas e a negra miséria da classe camponesa. O pensador russo, então, escreveu a um amigo justificando sua decisão de evitar os problemas sociais:

[O]s objetivos da arte são incomensuráveis (como se diz em matemática) com os objetivos sociais. O objetivo de um artista não é o de resolver uma questão irrefutavelmente mas sim o de compelir alguém a amar a vida em todas as suas manifestações, e estas são inexauríveis. Se eu dissesse que poderia escrever um romance na qual pudesse estabelecer de forma inequívoca meu ponto de vista como verdade absoluta em todas as questões sociais, não dedicaria duas horas para tal empreitada; mas, se dissesse que o que escrevi poderia ser lido daqui a 20 anos por aqueles que são crianças agora, e que eles poderiam rir e chorar com isto e se apaixonar com a vida que nele há, então dedicaria toda a minha existência e todas as minhas energias a este trabalho. (Simmons, 1968, p.194)

É irônico pensar que as crenças de Tolstói derivadas do cristianismo não tenham tido maiores repercussões justamente no Ocidente. Gandhi declarou-se

“um humilde seguidor” de Tolstói, e suas campanhas de desobediência civil e criação de uma ordem social baseada no amor, na não violência e não resistência derivam dos ensinamentos tolstonianos. A não violência, para Tolstói, “significa que jamais se deve empregar força física para obrigar homem algum a fazer o que ele não quer, ou mesmo para levá-lo a abrir mão do que ele gosta de fazer” (Simmons, 1968, p. 207).

“Todas as questões essenciais da condição humana presentes na obra de Tolstói continuam atuais”, afirma o professor e tradutor Paulo Bezerra no Caderno 2 de *O Estado de S. Paulo*. “Releio *Guerra e paz* a cada cinco anos”, afirma. Para Bezerra, “Tolstói foi, por exemplo, um dos primeiros a apontar o processo de destruição da natureza com um grande desastre, ainda pior que o da espoliação humana” (*O Estado de S. Paulo*, 2002). Na mesma edição, há uma citação do professor Boris Schnaiderman sobre Tolstói: “O que há de mais admirável em Tolstói é justamente a união do plástico e do crítico”, escreveu. “O ponto de partida para as suas grandes obras literárias, as mais sólidas como realização artística, consiste, sem dúvida, numa abordagem crítica” (2002).

Para alguns críticos, Tolstói se antecipa ao filósofo Wittgenstein na distinção entre o que pode ser mostrado (*gezeit*), mas não pode ser dito (*gesagt*). A noção de um romance de Tolstói que tanto intriga e fascina é a de uma teia não explícita de conexões entre ideias, pessoas e eventos, mas tecida na forma do próprio romance. A tarefa do crítico ou do leitor é expor e unir as tramas da teia de forma coerente (Greenwood, 1999, p.xiii).

O crítico literário Adam Thirlwell, em artigo escrito no jornal britânico *The Guardian on-line*, em 8 de outubro de 2005, discordou daqueles que dizem ser Tolstói um escritor fácil de se ler em russo e, portanto, fácil de se traduzir. Citando o crítico e tradutor Vladimir Nabokov, que dizia que o estilo de Tolstói era composto de “repetições criativas — ele tateava, empilhava, brincava e ‘Tolstoiava’ com palavras”, Thirlwell nos dá um exemplo de uma característica da língua russa, que é o hiato existente entre um substantivo e seu adjetivo, e que Tolstói preenchia com o máximo possível de palavras — algo que as traduções francesas ou inglesas procuravam suprimir, e que a tradução direta manteve em português. Não soava como russo, diz o crítico, mas sim a complicação deliberada. O crítico britânico citou uma fala de Tchekhov, em seu artigo, sobre o estilo de Tolstói.

[J]á observou a linguagem de Tolstói? Períodos enormes, frases empilhadas umas em cima das outras. Não pense que isso acontece por acaso ou, que seja uma deficiência. É arte, e a qual só se chega depois de muito trabalho. (Thirlwell, 2005, s.p.)

Da mesma forma, Mendes (1968) nos recorda o conselho dado por Melchior de Vogüé em seu livro *O romance russo* para os leitores não acostumados com as meditações e reflexões do romancista russo:

[O] prazer aí (na leitura de Guerra e Paz) deve ser comparado com as ascensões às montanhas; a estrada é, por vezes, ingrata e dura, nela nos perdemos, é preciso esforço e pena, mas quando atingimos o cume e lançamos o olhar para baixo a recompensa é magnífica; a imensidade do país se desenrola aos nossos pés; quem não subiu até lá não conhecerá o relevo exato da província, o curso dos seus rios e a topografia das cidades. Da mesma forma, o estrangeiro que nunca leu Tolstói gabar-se-á em vão de conhecer a Rússia do século XIX, e o que quiser escrever a história do país inútilmente compulsará todos os arquivos, fará uma obra morta, se se descuidar de consultar esse inesgotável repertório da vida nacional (1968, p.13).

Tolstói, segundo Simmons (1968), acreditava que toda a história dos últimos dois mil anos consistiu basicamente no desenvolvimento moral das massas e na desmoralização dos governos, colocando sua fé como sendo a resposta final à opressão universal da maioria por uma minoria. O movimento progressivo da humanidade em direção a uma sociedade sem classes e sem estado dependia do “crescimento da perfeição moral de todo indivíduo através da estrita observação da lei suprema do amor e o conseqüente repúdio a toda forma de violência” (p. 211). Simmons conclui que, no caótico mundo atual, a filosofia pregada por Tolstói ainda pode ter algum significado. O escritor russo, em sua época, questionou se o progresso humano medido em termos de avanços técnicos e científicos levaria a uma melhoria geral da humanidade, argumentando que o progresso não consistia no aumento do conhecimento ou melhoria material da vida, e sim numa compreensão mais profunda e abrangente das questões fundamentais da vida denunciando, de forma persistente, que a humanidade não poderia ser eternamente feliz e virtuosa somente por meios racionais e científicos (p.209).

Para Mendes (1968),

[o] tolstoísmo, as idéias reformadoras e religiosas do conde russo passaram, modificaram-se, germinaram em outras mais atrevidas e mais inumanas, Mas ficou a sua obra literária, ficaram os tipos que sua imaginação criou, as criaturas que vivem em seus romances, nos seus contos, nos seus dramas, em muitas das quais palpita a própria alma angustiada e dilacerada de Tolstói. (1968, p.11)

Concluindo esta seção sobre Tolstói, cito Gomide (2004) que nos fornece uma ideia da importância do escritor russo enquanto era vivo:

[H]oje é difícil ter dimensão exata da importância de Tolstói no período de 1890 a 1910. A atenção imensa que lhe era dedicada, resultado de sua atividade de escritor, doutrinador e ator na esfera pública, foi se perdendo culturalmente, e Tolstói, para gerações posteriores, ficou identificado com a honrosa mas exclusiva definição de clássico do romance. Quando de sua atividade prolífica e apaixonante, contudo, o conde era uma das vozes mais influentes em toda sorte de assunto. Após seu desaparecimento, outro conde, brasileiro, declarou que “não existe hoje, no mundo inteiro, um gênio literário de universal e indisputável autoridade como outrora Victor Hugo ou Tolstói”. (2004, p.204)

### 3.3

#### Dostoiévski

*Há quarenta anos trago comigo uma ideia que teria feito a felicidade dos homens, se me fosse dado exprimi-la.*

Fiódor Dostoiévski

A presente seção, assim como a anterior, não tem como objetivo descrever em detalhes a vida de Dostoiévski, mas tão somente contextualizá-la. Existem muitas biografias excelentes e com extensa documentação sobre sua vida disponíveis em várias fontes, das quais retirei apenas informações básicas e comentários relevantes para uma melhor compreensão do escritor em sua época. Destaco as obras escritas por Joseph Frank, na qual me baseio para obtenção das datas, já que existe muita controvérsia a esse respeito. Os dados biográficos foram retirados das seguintes fontes: Neves (1962), Frank (1979), Gibian (1989) e [www.litteraturerusse.net](http://www.litteraturerusse.net).

“Dostoiévski é o escritor mais influente de nossa época”. Assim o crítico Otto Maria Carpeaux definiu o escritor russo em sua introdução a *Humilhados e ofendidos*, de Dostoiévski, em tradução de Rachel de Queiroz, nas edições de 1944 e 1962. Para Carpeaux ,

[o]s representantes mais ilustres do romance contemporâneo — Proust, Gide, Julien Green, Joyce, Baroja, Hamsun, Deoblin, Moravia, Faulkner, Thomas Wolfe — são-lhe devedores e transmitem a influência do grande russo a novas gerações. (1962, p.xi)

Para Joseph Frank, em entrevista à *Revista do Instituto Humanitas on-line* (2006), da Unisinos,

[n]ão há dúvidas sobre a importância de Dostoiévski na literatura mundial. Ele é universalmente conhecido como um dos maiores romancistas que já existiram. [...] A influência de Dostoiévski em autores universais é difícil de constatar, porque ela se espalhou pelo mundo. Um grande número de romancistas se inspirou no trabalho dele e utilizou um ou outro aspecto do trabalho de Dostoiévski para suas próprias finalidades. Não é que eles “dialoguem” com Dostoiévski, mas sim que são inspirados por um ou outro aspecto das suas criações. (2006 p.5-6)

Segundo nos conta Frank (1979), Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, filho de Mikhail Andreievich Dostoiévski e de Maria Fiódorovna Netchaiev era, entre os grandes escritores russos da primeira parte do século 19, o único a não ter sua família proveniente da nobreza tradicional ligada à terra. Para Frank, trata-se de um fato de grande importância e que influenciou sua visão de escritor.

Os Dostoiévski provinham de uma família descendente da nobreza lituana, cujo nome teve origem na pequena cidade de Dostoievo. A região foi palco de lutas entre nacionalidades e credos conflitantes (russos ortodoxos *versus* poloneses católicos), com os Dostoiévski lutando em ambos os lados. Mikhail, futuro pai de Fiódor, estava destinado a seguir a mesma carreira do pai e a tornar-se um membro do clero local. Contudo, ao completar os estudos teológicos com a idade de 15 anos, fugiu de casa e foi para Moscou, onde foi aceito na Academia Imperial de Medicina e Cirurgia, em 1809. Durante a campanha militar de 1812, serviu em um hospital de Moscou e continuou a servir em vários postos ao longo de sua carreira como médico militar até 1821, quando aceitou uma posição no Hospital Mariinsky para os pobres, nos arredores de Moscou. Em abril de 1828,

por seus “serviços especialmente zelosos” para com o estado, foi agraciado com a ordem de Santa Anna, de 3ª. Classe, o que lhe assegurou um *status* legal de nobre no sistema oficial russo de classes. Em 28 de junho de 1828, o Dr. Dostoiévski inscreveu seu nome e o de seus dois filhos, Mikhail e Fiódor (de oito e de sete anos, respectivamente) nos livros da nobreza hereditária de Moscou, reivindicando seus direitos e privilégios (Frank, 1979, p.8-9). O fato é relevante porque, graças a isto, Fiódor Dostoiévski conseguiu conquistar certa posição de destaque na sociedade russa da época.

A mãe de Fiódor Dostoiévski, Maria Fiódorovna Netchaiev, era filha de um rico comerciante de Moscou, a quem Mikhail fora apresentado. Mikhail contava 30 anos de idade e, Maria, 19, quando se conheceram e se casaram após a aprovação dos arranjos matrimoniais. A relação entre o Dr. Dostoiévski e a família Netchaiev era, a princípio, bastante cordial. Ambos tiveram origem relativamente humilde e galgaram altas posições na escala social russa. Os Netchaiev tinham um elevado senso e espírito cívico, e Maria Fiódorovna estava longe de ser a filha rude e inculta de uma típica família de comerciantes. Contudo, a relação entre as famílias se deteriorou ao longo do tempo. Mais tarde, Fiódor Dostoiévski irá se lembrar das críticas que seu pai fazia à família de sua mãe por seus modos burgueses e perdulários, em contraste com seus modos aristocráticos (Frank, 1979, p. 8-9).

A medicina, embora fosse uma profissão honrada, não gozava de grande prestígio na Rússia, e o salário do Dr. Dostoiévski tinha de ser complementado com pacientes particulares para sustentar sua família – esposa e sete filhos. Todos viviam em um apartamento pequeno no terreno do hospital onde o Dr. Dostoiévski trabalhava, dividindo o espaço da melhor forma possível, ainda que precária. Os Dostoiévski tentavam manter as aparências e exibir um estilo aristocrático de vida, mais de acordo com a antiga nobreza rural do que com a nova nobreza adquirida por serviços prestados, criada nos tempos de Pedro, o Grande, e à qual de fato os Dostoiévski pertenciam (Frank, 1979, p.9).

Dostoiévski conheceu uma infância difícil. De saúde frágil e temperamento nervoso, sujeito a crises epiléticas, entrou junto com seu irmão para a Academia Militar de Engenharia em São Petersburgo, em 1838, logo após concluir seus estudos básicos aos 17 anos, tendo se graduado como suboficial em 1844. Sua mãe havia morrido em 1837. Durante sua formação militar, foi

informado da morte do pai, supostamente assassinado por um de seus servos em sua propriedade. Segundo Belknap (2008), na Escola de Engenharia os irmãos estudaram não só cálculo, física, fortificações, mas também francês, alemão e religião. Dostoiévski gostava de dizer que era capaz de ler Goethe e Shakespeare no original, mas é provável que sua leitura de escritores estrangeiros se baseasse em versões francesas ou russas. Das leituras em família das traduções de Sir Walter Scott aos dias em São Petersburgo, quando os irmãos liam Vitor Hugo e George Sand, até seu primeiro trabalho — uma tradução de Honoré de Balzac — e por toda sua vida, Dostoiévski esteve ligado à literatura da Europa ocidental, bem como a russa e, eventualmente, a literatura norte-americana ou da Ásia (p.xii).

Depois de uma vida dissoluta e sem regras, Dostoiévski começa a se dedicar a escrever. Após ter feitos algumas traduções, publicou seu primeiro texto aos 23 anos, em 1846: *Gente pobre*, escrito um ano antes. Segundo o professor e tradutor Paulo Bezerra, “obra (novela para uns, romance para outros) já marcada por grande originalidade”, onde Dostoiévski revela duas diferenças essenciais aos considerados fundadores da moderna literatura russa, Púchkin e Gógol:

1) suas personagens têm consciência de sua condição de humilhadas e ofendidas, reagem a essa condição e procuram a qualquer custo, desesperadamente, preservar sua dignidade diante do ofensor e da ofensa; 2) essas personagens não são criaturas mudas, como o chefe da estação de Púchkin ou o Akáki de Gógol. (2007, p. 9)

De acordo com as informações do portal *Littérature Russe* (s.d.), Dostoiévski aproxima-se de um círculo literário clandestino que preparava os camponeses para uma revolução socialista, o chamado círculo de Petrachevski. Preso em 23 de abril de 1847 junto com outros conspiradores, é levado para São Petersburgo e condenado à morte, pena comutada para quatro anos de prisão e trabalhos forçados, e posterior exílio de cinco anos na Sibéria, em 22 de dezembro de 1849. A notícia da alteração da pena foi dada no momento em que ia enfrentar o pelotão de fuzilamento. Devido aos trabalhos forçados aos quais foi submetido, Dostoiévski teve sua resistência física e moral diminuída. Sua experiência no exílio serviu-lhe de base para escrever *Recordação da Casa dos Mortos*, e passou a dedicar-se à leitura dos Evangelhos. Após cumprir sua pena, foi integrado ao

Exército como simples soldado e serviu por mais três anos, antes de regressar a São Petersburgo, onde fundou uma revista.

Em 1857, casou-se com Maria Dimitrievna, uma jovem viúva tuberculosa que morreu poucos anos depois. Em 1861, conheceu Apollinaria Suslova, jovem inteligente, porém passional, sensual e agressivamente independente, que foi a pré-encarnação das “mulheres” de seus romances. Com ela, Dostoiévski percorreu a Europa entre os anos de 1862 e 1863, frequentando cassinos onde perdia quase todo seu dinheiro. Desprovido de recursos, acelerou a entrega de seus textos em troca de adiantamentos financeiros, o que fez com que vários escritos fossem entregues sem a devida revisão. Dostoiévski, que chegou ao ponto de ser preso devido à falta de dinheiro para honrar seus compromissos, decidiu, então, se expatriar, só retornando à Rússia em 1873, já como autor consagrado e de reputação literária internacional. Quando morreu, em 1881, trinta mil pessoas compareceram a seu enterro ([www.litteraturerusse.net](http://www.litteraturerusse.net), s.d.).

Assim como Tolstói, o sucesso de Dostoiévski tem a ver tanto com sua arte quanto com sua postura moralizadora. Tanto em sua vida como em seu trabalho de escritor, o autor russo manifesta uma profunda inquietude metafísica e uma fé ardente em Cristo e no povo russo. Após sua experiência na prisão, o pensamento moralizador de Dostoiévski transparece em sua obra. Em todos os seus romances, a mesma tese: ao rejeitar Deus, não há moralidade possível. Seu estilo caracteriza-se por um realismo voltado para a alma humana, suas contradições e seus destinos trágicos, um realismo que estuda os crimes e os remorsos. Sua obra opõe-se à filosofia mecanicista e ao determinismo; ao enfatizar o inconsciente e o irracional como motor do indivíduo, Dostoiévski enriqueceu nossa visão do homem ([www.litteraturerusse.net](http://www.litteraturerusse.net), s.d.).

O professor Ernest Simmons, em seu livro *Introduction to Russian Realism* (1965, p.110), nos conta que Dostoiévski, muito antes do advento de Freud, já era um brilhante “psicólogo amador”, com seus profundos *insights* de gênio literário e, antes de Proust, aprendeu a explorar o inconsciente em profundidade, embora com um propósito artístico diferente do grande escritor francês. Para o professor, tradutor e crítico literário Paulo Bezerra, a partir de seu livro *O Duplo*, de 1846, Dostoiévski revela-se

[...] um escritor de pendores gigantescos para resolver os desvãos da alma humana, antecipando questões com as quais a psicologia só iria defrontar-se bem mais tarde e já em pleno século 20 com Freud e a psicanálise. (2007, p.9)

Dostoiévski, segundo Simmons (1965), enquanto cumpria o serviço militar na Sibéria, planejava junto com um amigo traduzir a obra de um médico e zoólogo alemão chamado C.G.Carus, intitulada *Psyche: Zur Entwicklungsgeschichte der Seele*, de 1846, que teorizava sobre o simbolismo dos sonhos. Embora o projeto tenha sido abandonado, Dostoiévski parece ter absorvido algumas das ideias do livro, tais como um estado anormal da mente pode se tornar a porta de entrada para experiências supranormais, ideias que parecem estar refletidas nos comportamentos de vários de seus personagens. Entretanto, o autor russo, ainda de acordo com Simmons, parecia opor-se ao uso sistemático da psicologia, e seu método de dramatização tendia a fixar-se na observação do outro, na intuição e na auto-observação, sem deter-se em explicações psicológicas (p. 110-111).

Conforme nos conta o tradutor J. L. da Costa Neves (1962, p.338), Dostoiévski tinha o cuidado de anotar “todos os incidentes e experiências adquiridas à beira da mesa da roleta”, acumulando informações que se transformaram no romance *Um jogador*, “uma espécie de justificativa – psicológica e artística – do vício de que ele próprio era escravo”. Muitos russos viajavam até a Alemanha naquela época sob o pretexto de tratamento de saúde nas famosas estações balneárias daquele país; contudo, dada a localização dos cassinos nessas cidades, o que menos faziam era tratar da saúde.<sup>18</sup> Para Frederico Ekstein<sup>19</sup> (*apud* Neves *ibidem*, p.338),

[o] que Dostoiévski especialmente pretendia provar é que o jogador se acha, como o artista, em relações profundas com os azares de um destino cego e que, por consequência, sendo o sujeitar-se ao risco um gesto de ousadia, a despeito do que há de baixo e vulgar no jogo, o jogador conserva sua nobreza de homem e de modo algum merece o desprezo.

Assim como descreveu os horrores do degredo ao qual fora condenado na Sibéria, Dostoiévski descreveu também os salões dourados e feéricos dos cassinos alemães, sem a necessidade de inventar os personagens e as situações que tão bem

<sup>18</sup> De acordo com Neves (1962, p. 334) o jogo só foi proibido na Alemanha em 1868, quando já não havia mais cassinos funcionando nos demais países da Europa. Em 1872, Louis Blanc, o fundador do jogo da roleta organizado, fundou, com o apoio do Príncipe Carlos de Mônaco, um novo cassino, “o mais famoso de todos quanto existiram”, na cidade de Monte Carlo.

<sup>19</sup> Não encontrei referências no texto mencionado.

conhecia, fazendo uso de suas cadernetas de anotações onde escrevia tudo que se passava diante de seus olhos naqueles ambientes. Em correspondência ao seu amigo Strakhóv, manifestou otimismo quanto ao seu próximo livro:

[M]inha *Casa dos Mortos* despertou um grande interesse no público, porque pinto aí o exílio como ninguém antes de mim poderia tê-lo feito. Esta nova narrativa, que será uma pintura fiel e detalhada do jogo da roleta, não pode deixar de despertar um interesse ainda maior. Sem contar que narrações dessa natureza são sempre bem recebidas por nossa gente, há ainda o fato de se passarem as cenas numa cidade balneária estrangeira e o personagem ser um russo residente. Tal detalhe tem importância, secundária é verdade, porém real. (Neves, 1962, p. 338)

A vida de Dostoiévski fora marcada pela tragédia e por sua fraqueza pelo jogo, no qual perdera quase tudo. Mas, por ironia, também lhe deu a oportunidade de conhecer sua segunda esposa, Ana Grigórievna Snítkina, que fora contratada como sua estenógrafa em outubro de 1866 para que pudesse ajudá-lo a cumprir o prazo de entrega de *Crime e castigo* e *Um jogador* para um editor inescrupuloso chamado Stellovsky, o qual lhe adiantara uma certa quantia para que pudesse saldar suas dívidas em troca dos direitos sobre as obras (Gibian, 1989, p.480).

Essa quantia, em torno de três mil rublos, serviu para que Dostoiévski pagasse credores, ajudasse seu enteado Pasha e a numerosa família de seu falecido irmão. Em troca, caso o escritor não lhe entregasse os originais de um novo romance até primeiro de novembro de 1866, Stellovsky obteria todos os direitos de publicação sobre suas obras futuras, sem qualquer compensação por um período de nove anos (Frank, 1990, pp. 124-125). Com o que restou, Dostoiévski partiu para Wiesbaden, na Alemanha, onde esperava ganhar dinheiro nas mesas de jogo. Mas perdeu tudo que levou e, sem dinheiro para pagar o hotel onde se hospedou e sem sequer se alimentar por vários dias, começou a imaginar o que seria o primeiro esboço de seu personagem Raskolnikov, do livro *Crime e castigo*, e sua revolta contra as injustiças do mundo. Segundo Roberto Muggiati, autor da narrativa *A selva do dinheiro* (2002), um dos temas mais recorrentes na literatura de todos os tempos é o dinheiro, e a sua falta ou abundância tem sido descrita como a origem de muitos dos males que afligem a humanidade, o que o levou a incluir os autores russos Tolstói e Dostoiévski em sua narrativa. Dostoiévski, para Muggiati, além da preocupação com os desníveis da sociedade de classe do seu país, “foi um escritor profundamente chocado pelo abismo brutal entre a pobreza e

a riqueza, mas sem nunca resvalar para o panfletarismo, vendo as coisas sempre pelo véu da ironia” (p.96-97).

Para João Marcelo E. Maia (2005), o problema da servidão na Rússia, grande preocupação de Tolstói e Dostoiévski,

[e]ra por todos (até membros da burocracia czarista) tido como crucial para o desenvolvimento econômico do país. As dúvidas sobre a forma como esse problema deveria ser equacionado eram muitas, já que a terra na cultura camponesa russa era considerada “inseparável” de quem a cultivava. Nesse sentido, dever-se-ia “libertar” os camponeses e transformá-los em assalariados ou preservar a posse da terra na forma de pequenas propriedades rurais? Como deveria ser feita a emancipação? Esse problema de ordem prática indicava uma questão política de alcance maior, e que alimentava boa parte da reflexão que ficou conhecida como “populista”. (p. 432)

Segundo Otto Maria Carpeaux, a psicologia literária de Dostoiévski é repleta de paixão ideológica, atração irresistível dos abismos amorais, valentes explosões de temperamento, contritas confissões do pecador arrependido, anarquismo impenitente dos sentidos e da inteligência. O espírito religioso e moralista dos russos sempre colaborou com a múltipla função da literatura russa — como tribuna parlamentar e jornalística, cátedra e púlpito — para determinar à atividade literária objetivos morais e políticos. E os críticos radicais, como Bielínski, já valorizavam mais a utilidade social das obras literárias do que seu valor estético. (1962a, p.18-19). Carpeaux via em Dostoiévski um homem da cidade, e em Tolstói, um desconhecimento do capitalista e dos capitalistas. Os personagens de Tolstói são aristocratas latifundiários, burocratas altos e pequenos e intelectuais *declassé* (*ibidem*, p.12).

Para Carpeaux, “O que há de mais admirável nos romances de Dostoiévski é o enorme gasto de inteligência penetrante, sagaz, profundíssima” (1962b, p. xiii). Sobre *O idiota*, por exemplo, escreveu o crítico Brito Broca (1962) em sua introdução à tradução do romance feita por José Geraldo Vieira:

[O] romance causou uma impressão de espanto à maioria dos leitores. É realmente uma das obras mais alucinantes de Dostoiévski. Nunca se vira tanta gente estranha, tipos de um comportamento tão esquisito, essa compararia fantástica, movendo-se numa atmosfera pesada de mistério. Não se sabe de onde vêm tais criaturas; passam por nós gesticulando, ouvimos-lhes os diálogos, mas nunca as surpreendemos nos flagrantes prosaicos da vida cotidiana. Não as vemos comendo, dormindo, nem sabemos, geralmente, se trabalham ou onde

trabalham. São menos figuras humanas do que almas humanas. (p.xxi)

Segundo a crítica e tradutora Maria Bloshteyn (2007), a recepção de Dostoiévski em sua Rússia natal teve altos e baixos. O período de 1870 até 1881, o ano de sua morte, foi marcado por grande agitação política e social, e os romances de Dostoiévski eram lidos por leitores em todas as camadas sociais. Embora fosse amplamente considerado um dos maiores autores russos vivos, Dostoiévski recebia críticas da *intelligentsia* liberal russa e da esquerda estudantil, que o considerava um reacionário. O escritor buscava manter um certo equilíbrio diante das críticas, mantendo sua oposição à agitação revolucionária, mas reconhecendo também o idealismo moral daqueles mais inflamados. Suas opiniões pessoais sobre política, vida social e religião eram de registro público (Bloshteyn, 2007, p.6).

Após a revolução de 1917 e o estabelecimento do estado soviético, os marxistas ortodoxos o atacaram por ser um inimigo reacionário da revolução, enquanto os moderados o viam como um precursor e espelho da revolução, por descrever os horrores da vida capitalista em uma grande cidade. Com a supremacia da ala ortodoxa, Dostoiévski foi virtualmente banido, sendo considerado crime ler suas obras, embora alguns acadêmicos continuassem a estudá-lo em surdina. Sua reabilitação deu-se durante a Segunda Guerra Mundial, quando passou a ser visto como um grande escritor e patriota. Porém, em 1947, foi novamente proibido durante a perseguição ao Dostoiévskismo (*dostoevshchina*), sendo reabilitado, mais uma vez, em 1956 após o famoso XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, onde Nikita Krushev denunciou os crimes de Stalin. Finalmente, após mais de uma década sem ter estudos divulgados, Dostoiévski foi plenamente reabilitado durante os anos 1960 e, desde então, vários estudos sobre o escritor russo e suas obras têm sido publicados na Rússia (Bloshteyn, 2007, p. 7-8).

Sobre Dostoiévski, Schnaiderman (2008d) nos informa que, muitas vezes, teve dificuldades em traduzi-lo, não pelas dificuldades da língua russa, mas pelo conteúdo de seus textos:

[é] o tipo do escritor que arrasta a gente, ao mesmo tempo que a gente tem que discordar, tem que se voltar contra ele. Quer dizer, às vezes traduzo algo que contradiz as minhas convicções mais profundas. Dostoiévski era um grande

escritor, tinha aquela compreensão, aquela humanidade extraordinária, e ao mesmo tempo era racista, chauvinista, preconceituoso. Não era só contra os judeus; contra os poloneses, por exemplo. O preconceito, a raiva que ele tinha dos poloneses era terrível. (*ibidem*, s.p.)

Para essas duas últimas seções, utilizei as notas biográficas sobre os autores russos Dostoiévski e Tolstói — tematizados neste estudo sobre traduções diretas e indiretas — disponíveis nas introduções das traduções consultadas, em livros de crítica literária e em alguns portais *on-line*. O intuito foi o de situar e contextualizar os dois escritores e suas obras em seu polissistema literário e cultural de origem. No próximo capítulo será vista a questão das traduções diretas e indiretas, que constituem a preocupação deste trabalho, com foco especial na imagem desses autores e de suas respectivas obras construída por essas traduções.